

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

A crise do catolicismo vem da sua imobilidade diante das mudanças culturais [The crisis of Catholicism comes from its immobility in the face of cultural changes]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Hervieu Léger, Danièle
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-19 03:08:05
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163202

democracia. Depois da ditadura, ela se democratizou para dentro, elegendo reitores e definindo regras, mas nada mudou a sua relação com o povo brasileiro. A democracia não chegou aos pobres, e a sociedade brasileira parece ter escolhido o caminho da apartação, e os cursos universitários continuam tão alienados das necessidades do povo como eram nos dias abolicionistas do século 19.

A terceira pobreza da universidade é ética, resumida em falta de compromisso com os pobres, com o destino do Brasil, com a justiça e a soberania. A tentativa de relacionamento com o povo resultou na proposta de abertura de vagas para os pobres - uma demagogia em um país onde só um terço dos jovens conclui o ensino médio. A verdadeira democratização da universidade está em adaptar seu conhecimento para servir às necessidades do povo brasileiro. Em uma democracia, recursos continuarão faltando para a universidade se ela não provar sua capacidade de adaptação a uma época nem mostrar seu papel na construção de um Brasil justo e soberano. E ela não poderá fazê-lo sem apoio do governo.

Tal obra deve ser feita a dois - governo e universidade - com um compromisso firme com o Brasil e sua população. Por isso é tão importante realizar a reforma do ensino superior, proposta pelo MEC desde o primeiro dia do governo Lula. Mas essa reforma precisa contar com total participação e entendimento da comunidade acadêmica. Esta, por sua vez, deve deixar o monólogo das últimas décadas e descobrir que há um mundo fora dela, querendo falar, apoiá-la e exigir o que ela não tem dado por inteiro.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Entrevista da Semana

"A CRISE DO CATOLICISMO VEM DA SUA IMOBILIDADE DIANTE DAS MUDANÇAS CULTURAIS"

Danièle Hervieu-Léger entrevistada por Henri Tincq

*A Congregação da Doutrina da Fé, dirigida pelo Cardeal Joseph Ratzinger, enviou, no começo do mês de agosto, uma carta aos bispos católicos de todo mundo, que tem como tema "a colaboração do homem e da mulher no mundo e na Igreja". O documento suscitou uma viva discussão na imprensa dos EUA e da Europa, especialmente, na Alemanha, Itália e na França. O jornal francês **Le Monde**, 7 de agosto de 2004, publica um artigo de Henri Tincq, jornalista responsável pelos assuntos religiosos do jornal, uma entrevista com Danièle Hervieu-Léger, socióloga, e um editorial. A seguir, reproduzimos a entrevista de Danièle Hervieu-Léger, socióloga, diretora do Centro de estudos interdisciplinares dos fatos religiosos na École des hautes études en sciences sociales. Ela é autora de vários livros, entre os quais destacamos os seguintes: **Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement**. Paris: Flammarion, 1999; **La religion en miettes ou la question des sectes**. Paris: Calman-Lévy, 2001; **Catholicisme, la fin d'un monde**. Paris: Bayard, 2003. A entrevista foi feita por Henri Tincq. Ele é autor, entre outros, dos seguintes livros: **Défis au pape du troisième millénaire. Le pontificat de Jean Paul II les dossiers du successeur**. Paris: Lattes, 1997 e **Une France sans Dieu**. Paris: Calmann-Lévy, 2003.*

O que a senhora pensa dessa refutação romana do feminismo?

Danièle Hervieu-Léger - Para além da reiteração do discurso tradicional sobre as relações entre os sexos e a sexualidade, dois traços me chocam. Em primeiro lugar, a acentuação fundamentalista. O arsenal de referências mobilizadas para descrever a antropologia bíblica

intangível de que o magistério tem a chave, mostra que se trata de ir contra a teologia liberal, que se refere à Escritura para fazer evoluir a norma católica, e de se colocar sobre o mesmo terreno de outros fundamentalismos. O segundo traço: o encadeamento pernicioso que o texto estabelece entre igualdade de direitos, indiferenciação dos papéis sociais e a suposta confusão de sexos. Para além da questão das mulheres, o Vaticano se lança claramente no combate contra a homossexualidade e o casamento homossexual.

Na crise do catolicismo que a senhora pesquisa, qual a responsabilidade que cabe a este discurso sobre as mulheres?

Danièle Hervieu-Léger - Esta crise está ligada às evoluções culturais e sociais que mudaram radicalmente as relações entre os sexos, as estruturas familiares, as relações pai-mãe, pais-filho. A afirmação da autonomia individual, o desenvolvimento da ciência, tudo isso contribuiu para estourar com a visão tradicional do casal. Ora, o verdadeiro processo da crise do catolicismo vem, precisamente, do seu imobilismo face a tais mudanças. A Igreja se mostra incapaz de fazer evoluir um discurso sobre a sexualidade, a mulher e o casal que reflete, de maneira incrivelmente repetitiva, as atitudes que remontam ao século XIX, estruturadas em torno de uma concepção essencialmente biológica da lei natural

O casamento cristão não abriu o caminho, no seu tempo, a um reconhecimento da igualdade das mulheres?

Danièle Hervieu-Léger - Sim, o cristianismo contribuiu amplamente para fazer reconhecer a dignidade da mulher nas culturas – como na cultura romana – onde ela era inferior. O cristianismo afirmou claramente a igual dignidade de todos os seres humanos. Basta lembrar São Paulo, falando aos Gálatas que “no Cristo, não há mais senhor, nem escravo, nem judeu nem grego, nem homem nem mulher”¹⁵. Mas depois tudo se passou como se a Igreja quisesse fechar a porta. No plano político, dizendo que a soberania do indivíduo, dos seus direitos, da sua liberdade era um atentado à submissão do homem a Deus. É todo o discurso da “intransigência católica” do século XIX. O mesmo ocorre a propósito da igualdade dos sexos: no momento em que ela começava a ser reconhecida, a Igreja temia que ela desorganizaria completamente seu sistema de organização. O acesso da mulher à autonomia ameaçava o caráter absoluto da diferenciação dos sexos, que a Igreja tinha posto, uma vez por todas, como sendo da ordem da natureza. E, depois no século XIX, esta concepção biológica da sexualidade e das relações homem-mulher não parou de se desenvolver.

Sempre voltamos para o mesmo ponto. A Igreja não tem nada, diz ela, contra as mulheres! Ela somente sabe que a ordem natural inscrita no seu corpo é o último bastião da heteronomia, a última maneira de assinalar os limites da autonomia humana. No terreno do político, a Igreja perdeu a batalha. No terreno da sexualidade, ela pensa que tem ainda uma chance, porque está ligada às determinações fisiológicas. A obsessão da Igreja sobre a questão do sexo é tanto maior quanto ela perdeu, radicalmente, a batalha no campo das autonomias políticas.

Mas a senhora não é sensível aos riscos evocados da confusão das identidades sexuais?

Danièle Hervieu-Léger - Mas as mulheres que lutam pela igualdade, jamais negaram que há uma diferenciação dos sexos! Toda a questão é de saber se se mantém ou não uma diferenciação social e jurídica sobre a base de uma diferenciação biológica que é irrecusável.

¹⁵ Carta de Paulo aos Gálatas, capítulo 4, versículo 28: “Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo” (Nota do *IHU On-Line*).

Ora, longe de uma busca de indiferenciação sexual, o feminismo sempre buscou conciliar duas posições: uma, que reivindica a igualdade absoluta dos direitos dos indivíduos, sejam eles homens ou mulheres, e a outra, que coloca em pauta a necessidade de fazer reconhecer, numa sociedade machista, a identidade específica da mulher. Em nenhum momento o fato de reconhecer a identidade da mulher apareceu como contraditório com o fato de permitir a estas mulheres acederem a uma igualdade de direitos.

A senhora acredita que a Igreja perde as mulheres como “perdeu a classe operária”?

Danièle Hervieu-Léger - Isso não é verdade em todos os países, mas não há nenhuma dúvida de que tenha acontecido na Europa ocidental e na América do Norte. Estas defecções não vêm somente da persistência das discriminações em relação às mulheres na divisão do trabalho religioso, ou seja, no acesso aos ministérios ordenados. Elas vêm da rejeição de toda contracepção que não seja natural, da recusa da procriação medicamente assistida (PMA), de toda uma série de reafirmações do interdito nos registros da sexualidade que dizem respeito à mulher, em primeiro lugar. O resultado é que as mulheres têm deixado, silenciosamente, o lugar. As observações sociológicas segundo as quais elas praticam mais que os homens ou que a religião é transmitida às crianças pelas mulheres são cada vez menos confirmadas. Podemos dizer que o desinvestimento da cultura católica atinge tanto as mulheres quanto os homens. E, talvez, ele seja mais espetacular entre as mulheres que entre os homens.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Memória

*No dia 28 de julho de 2004 faleceu Francis Crick. Celebrando sua memória publicamos o artigo de Luca Tancredi Barone, um depoimento do cientista italiano Carlo Alberto Redi que o conheceu pessoalmente e um artigo de Lisa Masier sobre a importante contribuição de Rosalind Franklin. Todos os artigos foram publicados pelo jornal italiano **Il Manifesto**, 31-7-04. Os subtítulos são nossos.*

*Por ocasião do cinquentenário da descrição da estrutura do DNA o **IHU On-Line**, n.º 62, de 2 de junho de 2003, dedicou o tema de capa ao assunto. Conferir também a carta do professor Ático Chassot, publicada no **IHU On-Line**, n.º 63, de 9 de junho de 2003. Na mesma edição consta outra carta, que foi lida no evento **IHU Idéias**, de 5 de junho de 2003, cujo tema foi DNA: potencialidades e polêmicas 50 anos depois, apresentado pela professora Jaqueline Rodrigues, da Unisinos.*

O DNA FICOU ÓRFÃO. A MORTE DE FRANCIS CRICK

Luca Tancredi Barone

Um dos ícones mais importantes do século vinte, o DNA, tornou-se órfão. Num hospital de San Diego, quarta-feira à noite, morreu um dos homens que revelaram aquilo que eles mesmos haviam definido como “o segredo da vida”. Francis Crick tinha 88 anos e estava afetado há tempo por um câncer do colo. O seu nome permanecerá para sempre ligado ao do americano James Watson, o homem com o qual firmou o histórico artigo saído no dia 25 de abril de 1953, na revista **Nature**. Naquele artigo, pela primeira vez, era descrita com exatidão a estrutura do DNA, o ácido desoxirribonucléico, a molécula que está encerrada no núcleo de todas as células